

MERCADO E DESAFIOS TECNOLÓGICOS DO COMPLEXO AGROALIMENTAR DAS CARNES NO MERCOSUL

Vegro, Celso L. R. (Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola, Brasil)

RESUMO

Tem sido crescente o interesse em análises pautadas pela temática das demandas tecnológicas nas principais cadeias agroalimentares. Paralelamente, também cresce a importância que sejam ampliados os espaços de cooperação e integração dos sistemas públicos de ciência e tecnologia dos países que compõem o MERCOSUL. Nessa perspectiva, contando com financiamento e coordenação metodológica do BID-IICA/PROCISUR, foi desenvolvida análise sobre a cadeia agroalimentar no cone sul. Após mapear as principais tendências internacionais nas carnes (comentando aspectos sobre as empresas líderes e citando alguns processos inovativos), foi analisada a dinâmica dessa cadeia no MERCOSUL, detalhando estratégias dos grupos empresariais líderes e alianças tecnológicas bem sucedidas. Finalmente, concluiu-se com indicações sobre as principais demandas tecnológicas da cadeia agroalimentar no MERCOSUL.

MARKET AND TECHNOLOGICALS CHALLENGERS OF THE MEATS FOOD CHAIN OF MERCOSUL

SUMMARY

It has been increased the interested in analyses based the thematic, of the technological demands in the main food chain. However, the importance grow up the important to increase the cooperation spaces and interaction of the public systems of science and technology of countries that compose MERCOSUL. In this context,

counting with financing and methodological coordination of BID-IICA/PROCISUR, analysis was developed on the food chain of the meat in the south cone. After describe the main international tendencies in the meats (commenting aspects on the companies leaders and mentioning some innovations process), the dynamics of that chain was analyzed in MERCOSUL, detailing strategies of the groups managerial leaders and happened alliances technological good. Finally, it was conclude with indications remain the main technological demands of the food chain in MERCOSUL.

1 - Introdução

O presente documento sintetiza as análises efetuadas no estudo elaborado em âmbito do Projeto “Organização e Gestão da Integração Tecnológica Agropecuária e Agroindustrial do Cone Sul” coordenado pelo Programa Cooperativo para o Desenvolvimento Tecnológico e Agropecuário do Cone Sul (PROCISUR) e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Pelo seu caráter executivo, diversos conceitos, dados e informações são apenas sumariadas, devendo o leitor sempre se remeter ao trabalho base para dirimir dúvidas que, em decorrência do esforço de síntese, podem restar após o exame deste documento¹.

Esse resumo faz um apanhado da dinâmica internacional do sistema agroalimentar das carnes (bovina, suína e de frango), descrevendo parcialmente as estratégias das empresas líderes que nele atuam. Em seguida, o foco da abordagem volta-se para análise do sistema cárneo nos países que compõem o MERCOSUL caracterizando, igualmente, sua estrutura empresarial e os problemas mais comuns percebidos nesse sistema. Finalmente, são relacionados alguns aspectos que diferenciam frigoríficos e integradoras de aves e suínos nos países do subloco regional.

¹ VEGRO, Celso Luis R. **Trajectoria e Demandas Tecnológicas nas Cadeias Agroalimentares do MERCOSUL Ampliado – Carnes: Bovina, Suína e Aves.** PROCISUR-BID/Proyecto Global.

2 – Dinâmica Internacional E Empresas Líderes

Nos anos 90, a carne bovina é a que evidenciou maiores sinais de estagnação de demanda, permanecendo o rebanho mundial e o abate, pouco acima do patamar de 1 bilhão e 230 milhões de cabeças respectivamente. A Índia (somente para produção de leite), o Brasil e a China, concentram cerca de 60% do total do rebanho mundial. Entretanto, considerando-se os itens abate e produção de carne, a liderança se transfere para países com elevados índices zootécnicos como é o caso dos EUA que responde por mais de 15% do abate de 21% da produção de carne em âmbito global.

A auto-suficiência dos países centrais na produção e a distorção do mercado internacional causada pelas ativas políticas de subsídios a produção e exportação, aliada a ocorrência de problemas sanitários graves como os males da vaca louca e a contaminação das rações pela dioxina – ambos com ampla cobertura pela mídia e geradores de relativo pânico entre os consumidores - deprimiram ainda mais a demanda pela carne bovina.

A carne suína ainda é a mais consumida no mundo superando as bovina e de frango. Na China, concentra-se metade do rebanho mundial observado-se ainda o maior crescimento do relativo do número de cabeças. Em âmbito da União Européia (UE), o maior rebanho situa-se na Alemanha que é também o grande consumidor per capita, enquanto que a desorganização da economia russa responde parcialmente pelo declínio dessa criação no país.

A redução dos custos de arraçãoamento foi favorecida pelo barateamento dos preços das commodities entre 1998 e 1999 o que contribuiu na expansão das criações transmitindo-se, ao abate e gerando superprodução com diminuição dos preços e acirramento da concorrência. Face a esse fenômeno, os países centrais implementaram

políticas emergenciais que invariavelmente embutem algum tipo de subsídio a produção e/ou exportação.

A produção mundial de frangos aumentou cerca de 4,8% ao ano no período 1992-98, prevendo-se que a produção dessa carne superará a bovina após a virada do milênio uma vez que as carnes bovina e suína apresentam-se pouco dinâmicas. Os países produtores, aumentaram a produção, destacando-se a China, o Brasil e os EUA (excetuando-se a Rússia e o Japão). A competição no mercado mundial dessa proteína é muito acirrada pois Brasil e a Tailândia, após a desvalorização de suas moedas, tornaram-se fornecedores muito competitivos, enquanto os EUA oferta as coxas como produto de descarte e a França ampliou recentemente os subsídios ao setor.

No período 1992 a 1998, as exportações totais de carne de frango mais que dobraram, tendo sido lideradas pelos EUA. Também aumentaram as exportações a China, Hong Kong e o Brasil. Finalmente, o consumo per capita de carne de frango, mostra tendência de aumento, notadamente, nos EUA, no Brasil e na China.

As empresas estadunidenses sempre foram líderes mundiais no mercado da carne. Porém, com o esgotamento das políticas de ajuda alimentar que compunham o pacote de apoio à reconstrução européia, desloca-se a preferência dos consumidores para carnes brancas, fragilizando a posição dessas firmas.

Em 1972, o aumento nos preços dos grãos provocou crise no setor de pecuária intensiva, pressionando-o pela reestruturação e favorecendo a entrada em bovinos das empresas líderes em grãos, uma vez que esses constituem mais de 50% dos custos das rações.

A concentração do setor frigorífico estadunidense é elevada, sendo que os três maiores estabelecimentos processam cerca de 78% do total, além de se dedicar também à produção de rações e à distribuição para os mercados varejistas e institucionais (*fast-*

food). Futuramente, prevê-se que essa alta concentração seja acompanhada pela entrada de novos competidores com base em plantas menores mas com altos níveis de coordenação econômica e orientada para nichos de mercados.

A fase de cria e recria da pecuária bovina estadunidense é bastante pulverizada. Mais de 90% dos estabelecimentos, representando 50% do rebanho nacional, tem menos de 100 cabeças. A concentração prevalece na engorda pois, cerca de 1% do total das explorações respondem por 40% das vendas de bovinos terminados - 85% provém dos *feedlots*.

Nos suínos, as 10 maiores empresas estadunidenses juntas possuem capacidade de abater 344 mil cabeças/dia (42% do abate). Observa-se, ainda, crescimento de escala nas granjas, sendo o patamar atual de viabilidade econômica o confinamento de 2.000 matrizes.

A carne bovina na UE tem características próprias como: a) derivada da pecuária leiteira pois, excetuando-se a produção de vitela, 80% do abate provém de rebanhos de leite e b) é dominada por cooperativas que combinam a pecuária leiteira com carne bovina e suína. A pulverizada estrutura da produção leiteira também forma a base da oferta de carne bovina.

A UE alcançou auto-suficiência primeiro na produção de leite enquanto a carne bovina permaneceu por algum tempo deficitária. Com a superprodução do leite, o setor de carne foi dinamizado pelas políticas de estímulo à saída da produção leiteira com liquidação dos rebanhos que em um primeiro momento fez aumentar a oferta de carne, passando a enfrentar o problema de gerenciamento de estoques e escoamento de excedentes no mercado mundial. A alternativa encontrada foi implementar programas de subsídios as exportações dos excedentes, limitando significativamente o mercado para os países produtores de carnes.

Embora as exportações da UE reflitam a necessidade de escoar estoques e não demonstrem competitividade, a nova dinâmica do mercado doméstico - segmentação pela qualidade - está levando a uma importante reestruturação e modernização do setor, manifestada na atuação das empresas líderes no mercado francês. A doença conhecida como "vaca louca" está acelerando a adoção de níveis mais estreitos de coordenação econômica ao longo da cadeia com a introdução de monitoramento de origem do produto desde a fazenda.

A produção de suínos em âmbito europeu enfrenta inúmeros desafios que passam por aspectos ambientais, pela reforma da PAC e da pela reorganização das economias de Europa do Leste. A poluição do solo e dos lençóis freáticos decorrente da criação intensiva de suínos alcançou níveis críticos. A recuperação das economias da Europa do Leste requer o fortalecimento da suinocultura, onde já existe uma longa tradição de produção e exportação, limitando o espaço de expansão do comércio comunitário de carne suína para esses mercados.

A indústria avícola nos EUA é a maior e das mais eficientes em âmbito mundial. Em 1996, apenas as 10 primeiras controlavam 70% da produção e 22% do abate total, atuando majoritariamente através dos contratos de integração. Entre 1985 e 1996 o consumo per capita de carne de frango cresceu à taxa de 3% a.a. Atualmente, as vendas de frango inteiro no supermercado são minoritárias face ao avanço de *fast-food* e dos produtos feitos para atender o desejo de conveniência dos consumidores.

Na UE, o mercado de frango ressentiu-se do crescimento exponencial do consumo de carne de peru, aliada a crise de superprodução ocorrida no início dos anos 90. Essas tendências e a formação do mercado único levaram o setor a uma profunda reestruturação. Duas estratégias foram então adotadas: a certificação de qualidade e

sanidade e o aprofundamento da segmentação do mercado sobretudo no de pratos preparados.

Tanto no caso europeu como no estadunidense, o investimento que no aumento da escala e da produtividade, vem cedendo lugar para qualidade e competitividade, pressionados pelas possibilidades de usos alternativos dos recursos. Além das tendências de fechamento e concentração, a situação atual é caracterizada pela importância de novos entrantes pautados por maiores níveis de coordenação econômica, qualidade e integração com a demanda.

A consolidação de “padrão mundial”, em termos de processos produtivos e qualidade, tem homogeneizado a tecnologia utilizada nas empresas líderes. Os custos e a eficiência logística são fundamentais mantendo-se, ainda, dinâmico o desenvolvimento tecnológico do setor, com introdução de inovações como é o caso das biotecnologias que deverão gerar ganhos de produtividade, maior resistência à doenças e melhor taxa de conversão.

3 – O Agronegócio Das Carnes No Mercosul

A evolução da produção, exportação e consumo interno de carnes na região deve considerar especificidades internas as quais se subordinam a estruturação, expansão e transformação desse setor podendo-se mencionar: a) os mercados internos absorvem a maior parcela da produção; b) o caráter instável das políticas que ora favorecem as exportações e ora privilegiam o mercado interno; c) o esgotamento do modelo autárquico de desenvolvimento associado à crise fiscal e institucional do Estado; e d) a relevância da informalidade que sustenta a produção, o abate e que ainda contribuiu na elevação do consumo per capita.

Cerca de 16% da produção mundial de carne bovina concentra-se no MERCOSUL. O Brasil responde em média por 60% do total do bloco e a Argentina, 20%. Essa, entretanto, apresentou queda na oferta devido ao crescimento da área explorada com grãos. O aumento da produção uruguaia resultou da elevação das compras do Brasil.

O Brasil, apesar de ser o maior produtor de carne bovina, não possui os padrões de qualidade encontrados nos vizinhos meridionais, precisando incorporar novas tecnologias para se tornar mais competitivo. Seu relativo atraso pressiona essa mudança onde se destacam os novos métodos de manejo e de seleção genética visando animais mais precoces.

A Argentina tem sido o principal exportador de carne bovina, já tendo atingido o pico de mais de 500 mil t que, entretanto, não se sustentou recuando a partir de 1996 (em 1999 exportou apenas 285 mil t). Até 1999, o Brasil tinha alcançado sua melhor performance em 1993 (451 mil t) vindo a declinar nos anos subsequentes devido a relevância de seu mercado interno. A desvalorização do real incrementou as exportações, alcançado em 1999 cerca de 540 mil toneladas, transformando o país em líder do bloco também nesse quesito. Em 1998, as exportações uruguaias atingiam 250 mil t enquanto, o Paraguai, que chegou a exportar 60 mil t, declina face a acentuação das vendas de animais vivos para o Brasil e na Argentina.

Na produção de carne suína e de frango, o Brasil, detém posição quase que monopolista, respondendo por 70% e 80% respectivamente da oferta regional. Os vultosos investimentos efetuados na fronteira agrícola do Centro-Oeste e Norte do país, tendem a manter essa inserção regional que também se traduz nas exportações das duas carnes.

O comércio de carnes intra-bloco atende a nichos como as aquisições brasileiras de picanha e argentinas de carcaças suína e cortes de frangos. As importações de carnes do bloco são menos expressivas do que as exportações gerando, no agregado, significativos saldos cambiais, sendo o Chile a única exceção.

No Brasil há maior disponibilidade do agregado das carnes seguido pela Argentina. A queda no consumo de carne vermelha na Argentina e no Uruguai reflete a insatisfação do consumidor com o produto decorrente, em parte, de sua falta de padronização.

Os frigoríficos formam atividade pouco especializada (desintegração dos animais abatidos), agregando-se baixo valor ao produto final e pautando-se por racionalidade comercial (comprar barato e vender caro). O abate e preparo dos cortes é tecnologicamente maduro e intensivo em trabalho, não oferecendo barreiras à entrada. Ademais, a concorrência desleal dos operadores clandestinos restringe a rentabilidade do segmento.

Entre as empresas exportadoras, a elevada concorrência internacional e o limitado dinamismo do mercado impossibilitam a obtenção de preços compensadores e de rentabilidade na atuação.

Nos bovinos, a ausência de mecanismos de coordenação setorial e a natureza especulativa do negócio gera problemas de abastecimento, impedindo que a indústria reduza sua permanente ociosidade. Essa restrição encolhe o caixa da firma e as possibilidades de introdução de tecnologia avançada para novos processos e produtos, fazendo prevalecer a produção de carne “*in natura*” destinada ao mercado interno, menos exigente em qualidade.

Em geral, a indústria frigorífica encontra-se em situação financeira deteriorada, permitindo o aparecimento de processos de reestruturação patrimonial - entrada de capitais internacionais com concorrência dos domésticos.

Os frigoríficos operam segundo modalidades hierarquizadas e departamentalizadas sem exigências em capacitação dos operários e introdução de modernas técnicas de administração ou a realização de planejamento estratégico.

Persiste grande heterogeneidade na indústria coexistindo plantas com padrão mundial e charqueadores rudimentares. Entretanto, a adoção de novas tecnologias têm aproximado as empresas locais dos padrões de eficiência e higiene dos países líderes, sendo mais um reflexo da consolidação das cadeias de *fast food* e da expansão das redes de hipermercados.

Dois caminhos básicos direcionam as políticas públicas na repressão ao abate informal: a) redução das alíquotas tributárias domésticas e b) adoção de leis que extinguem a comercialização de meia carcaça, obrigando a desossa, separação dos cortes e empacotamento no frigorífico, com adoção do *box beef* paletizável. Essa última medida tem tido boa aceitação pelos competidores privados pois, as carnes, são sensíveis aos custos de logística, o que confere à racionalização da distribuição, papel decisivo na viabilidade econômica do negócio.

Os frigoríficos estão se reorganizando orientados pela busca maior flexibilidade operacional o que pode ser propiciado pela gestão unidades menores e maior adequação com a demanda do mercado interno (produto com qualidade e comodidade).

O abate e processamento de aves e suínos têm características diferenciadas daquelas mencionadas para os frigoríficos. Os contratos com os criadores permitem planejamento das atividades e forte encadeamento com a moderna distribuição, configurando-o como um dos mais bem sucedidos da indústria alimentar. O

desenvolvimento tecnológico melhorou os padrões de produção, com ganhos expressivos de produtividade no segmento. Atualmente, aplicam-se técnicas situadas na fronteira tecnológica mundial, trazendo diversos benefícios a economia local e competitividade internacional.

As empresas líderes do setor mostram crescimento da escala produtiva com redução de custos e aumento do faturamento, aproximado seu porte econômico ao das maiores firmas européias e estadunidenses. Apesar do elevado grau de concentração econômica é baixo seu poder de monopólio pois o mercado é marcadamente concorrencial.

A rápida expansão das empresas desse segmento pautou-se por: a) diversificação sinérgica de atividades; b) diferenciação de produtos; c) integração vertical e horizontal através dos contratos. Recentemente, novas estratégias constituem-se no padrão do setor como: a) agregação de valor; b) melhor posicionamento relativo das transações internacionais; c) expansão para a fronteira, d) aquisições de terceiras e e) valorização das marcas.

Característica da estrutura empresarial das integradoras é o pertencimento a grupo econômico que lhe aporte capital, facilite o acesso a informações e introduza sofisticadas ferramentas de gestão viabilizando seu ingresso entre as líderes do setor.

4 – Estratégias Das Empresas Líderes Regionais

A indústria frigorífica na Argentina e no Uruguai pode ser dividida em dois ramos: exportadora e atuante no mercado interno (exportando apenas para mercados menos exigentes). No Brasil, o critério de diferenciação centra-se mais na questão do porte empresarial do grupo.

Os países de destino das exportações exercem influência sobre as estratégias empresariais, pois estabelecem rígidos requisitos no abate, de qualidade e de processo de preparo dos corte. Nesse sentido destacam-se as exportações sob prescrição dos ritos “Kosher” e “Halal”.

Mesmo com o avanço da automação do abate e da evisceração, originada de processos adotados em aves e suínos, os frigoríficos continuam demandando muita mão-de-obra, sendo o fator mais importante na realocização de plantas industriais para áreas de baixos salários. Em geral, a realocização reduz a movimentação das matérias-primas, permitindo ainda o estabelecimento de configuração das linhas de desintegração com maior eficiência, produtividade, sanidade/higiene e conservação.

Os frigoríficos caracterizam-se por alto investimento e baixa lucratividade sobre as vendas após desconto dos impostos. Capacidades de abate superiores de até 600 bovinos/dia submetem-se a períodos de elevada ociosidade o que, tendo custos fixos a amortizar, compromete sua competitividade e conduz à inviabilização financeira. Por serem incapazes de formar preços e de interferirem na evolução do ciclo pecuário local, os frigoríficos sofrem com elevação de custos e endividamento.

Os novos hábitos de consumo alimentar que valorizam os produtos “saudáveis”, motivam as firmas do setor de carnes a alterar padrões de concorrência, valorizando a forma de apresentação, a praticidade no preparo das porções, seus tamanhos e ingredientes. Existem dúvidas quanto à capacidade competitiva da indústria local em aprofundar esse esforço de agregação de valor aos produtos, pois as grandes companhias internacionais são muito competitivas nesse nicho de mercado e introduzem os seus produtos no MERCOSUL.

As líderes do setor de carnes, após atingirem elevado patamar de diversificação de produtos, passam a atuar no conceito de *global sourcing*, articulando rede global de

fornecedores onde as vantagens comparativas conferem competitividade e agregam qualidade, confiabilidade no cumprimento dos prazos.

5 – Principais Desafios Tecnológicos

O sistema de ciência e tecnologia existente na região possui conhecimento sobre genética e sistemas de manejo bastante satisfatórios para o desenvolvimento das criações. O desafio atual consiste em aprofundar os diagnósticos sobre aspectos como segmentação do mercado, hábitos alimentares e novas exigências dos consumidores. De alguma forma as grandes firmas já agregaram em suas estratégias esses conhecimentos visando sobretudo o reforço de sua competitividade (já faz parte da pesquisa *in house*). Entretanto, pequenas e médios abatedouros não encontram alternativas a não ser o da possibilidade de copiar os conceitos usados pelas líderes. Esse poderia ser importante papel a ser desempenhado pela P&D pública contando com a parceria as pequenas médias firmas.

Dentre os desafios pautados pela base agrária podem-se citar: a) exploração com maior ênfase dos cruzamentos inter-raciais; b) aproveitamento das biotecnologias na melhoria dos índices zootécnicos (conversão alimentar, menor teor de gordura saturada, resistência a doenças e contaminações, etc...); c) desenvolvimento de tecnologias de baixo custo para o manejo de pastagens e preparo de rações (incluindo-se as potencialidades do arraçamento líquido); d) introdução da rastreabilidade nos rebanhos (o que implica na construção de verdadeiro banco de dados sobre o animal) e da certificação dos produtos processado (sinônimo de acesso aos mercados dos países centrais); e) modernização dos laboratórios públicos e capacitação dos recursos humanos para a realização de diagnósticos e emissão de laudos (micotoxinas por exemplo); f) aproveitamento e destinação dos resíduos dos confinamentos e do abate

(sintonizado com as crescentes exigências em sustentabilidade ambiental das explorações econômicas), g) aumento da linha de produtos segmentados e que contemplem o conceito de comodidade, h) aprimoramento da cadeia do frio (notadamente em país continental como o Brasil) e i) introdução das novas tecnologias acondicionamento e preservação dos alimentos.

No item máquinas e equipamentos para o abate e processamento da carne a região ainda depende das importações. Entretanto, face ao tamanho atual e potencial de crescimento da produção e oferta das carnes no bloco, pode-se na implementação de políticas de atração desses fabricantes que também contribuiria na diminuição das queixas sobre precária assistência técnica prestada aos frigoríficos que optaram pela modernização das linhas de abate e processamento.

A desocupação gerada pela introdução dos equipamentos de abate com maior conteúdo em automação, o setor deve ainda permanecer como intensivo em mão-de-obra, pois a se confirmar a estratégia de aprofundar a segmentação do mercado através da diversificação de produtos, a necessidade de trabalho volta a crescer gerando relativo equilíbrio entre desocupação e criação de novos postos de trabalho.

Os hábitos dos consumidores da Argentina e do Uruguai criaram um perfil para o mercado de frangos algo diferenciado daquilo que se pratica internacionalmente (animais maiores com cor de pele amarelada). Essa característica tem se constituído em entrave para melhoria da competitividade do segmento nesses países, além de dificultar uma aliança estratégica com o Brasil visando a exportação extra-bloco. O desafio de se alinhar com a avicultura brasileira constitui em desafio estratégico nos vizinhos meridionais.

Os distribuidores têm concentrado maior poder na cadeia. Entretanto, as deseconomias surgidas do hábito de retalhar carcaças no balcão restringem sua

eficiência. Essa constatação não se limita apenas ao menor preparo tecnológico no aproveitamento dos cortes e aparas e ao desperdício. O processamento da carcaça na indústria constitui a melhor forma de valoração econômica dos produtos do abate, tendência irrevogável na cadeia.

O bloco carece ainda de maiores esforços de publicidade, capazes de ressaltar as qualidades da “carne natural” nos principais mercados consumidores. A criação dos rebanhos em pastagens, sem a administração de hormônios e indutores de crescimento, pode consistir em diferencial que agregue vantagens à carne produzida na região desde que atenda, também, aos requisitos de sanidade exigidos pelos mercados internacionais.